

OBSERVAÇÃO INCORPORADA NO SAARA



Programa de Pós-graduação em Arquitetura
Disciplina: Seminários de Avaliação de Desempenho do Ambiente Construído
Professores: Paulo Afonso Rheingantz, Giselle Arteiro Azevedo e Alice Brasileiro
Alunos: Ernani S. Machado, Helga Santos e Juliane Figueiredo

Setembro/2007

1. Apresentação
2. O Conhecer
3. A experiência do SAARA
4. O que nos disse o ambiente?
5. Considerações acerca da Experiência

1. Apresentação

A experiência a ser descrita consiste no Trabalho final da disciplina Seminários de Avaliação de Desempenho do Ambiente Construído, ministrada pelos professores: Paulo Afonso Rheingantz, Giselle Arteiro Azevedo e Alice Brasileiro. O trabalho objetivou a aplicação do método Observação Incorporada nas ruas do Saara, centro histórico do Rio de Janeiro.

A Abordagem Experiencial e a Observação Incorporada são o resultado do questionamento do grupo de pesquisa *Qualidade do Lugar e Paisagem (ProLUGAR)* à “excessiva atenção dispensada aos aspectos operacionais e instrumentais – e na sua eficiência intrínseca – em detrimento da reflexão sobre a própria experiência da reflexão vivenciada pelo observador em sua experiência de observar.” (Rheingantz, 2004).

Sendo basicamente, uma mudança de atitude do observador, a observação incorporada, pode ser incorporada aos instrumentos e técnicas tradicionais de avaliação da qualidade ou do desempenho do ambiente construído que, apenas devem ser resignificados à luz da abordagem experiencial. (Alcântara, Rheingantz 2004; Rheingantz, Alcântara 2007).

2. O Conhecer

A busca por uma nova forma de se abordar o conhecimento acerca do ambiente construído acaba sendo o objetivo primordial do estudo sobre a observação incorporada. Desta forma, a mudança de atitude do observador, frente ao que observa é um primeiro passo para o conhecer, mas não o único. É preciso também conhecer o conhecimento, ou seja, entender a base do processo cognitivo. Para tanto, foram estudados, alguns autores que trataram da questão da cognição, tais como VARELA, THOMPSON, ROSC (2003); MATURANA (2001); e PEDRO (1996).

Segundo Rosa Pedro (1996), a ciência moderna acabou por legitimar a separação entre o homem e a natureza. Esta, era algo que poderia ser representado e essa representação seria em si o conhecimento produzido ao seu respeito. Essa forma de conhecer, tem sua origem em Galileu, que criou um método chamado de experimental, que consistia em formular o conhecimento através de hipóteses que deveriam ser comprovadas.

Desde então, estabeleceu-se o paradigma da representação que tanto caracteriza a ciência moderna: o conhecimento formulado sobre um dado objeto deve ser representado e comunicado. Esse paradigma tem como uma das principais características a separação entre mente e razão; corpo e emoção. Em meados do século XX, no entanto, a primazia do sistema representacional começa a ser questionado, e fundamentalmente a questão da separação entre o indivíduo e o seu objeto de estudos. É criada a Ciência Cognitiva, ou seja, o conhecimento passa a ser estudado (PEDRO, 1996)

O estudo do conhecimento pode ser dividido em quatro fases: fase cibernética - aproximação entre o cérebro humano e a máquina através da concepção de modelos artificiais do cérebro e do raciocínio humano; o cognitivismo, quando o conhecimento passa a ser estudado como a solução de problemas através de processos mediadores entre o estímulo e resposta; o conexionismo estudo no qual acredita-se que o processo do conhecimento se dá a partir da auto-organização das redes neurais que se modificam a partir das transformações sofridas pelas conexões nervosas; e os estudos da contemporaneidade, que visam, efetivamente a busca por uma alternativa ao paradigma representacional, assumindo-se efetivamente

a emergência dos símbolos ao invés da simples manipulação dos mesmos. Busca-se então, a conciliação entre natureza e sociedade, sem negar, contudo os pressupostos da ciência moderna (PEDRO, 1996).

É importante salientar que o sistema representacional ainda é o paradigma central das ciências. A comprovação deste fato está presente em nossa própria vivência acadêmica, onde está muito presente o desenvolvimento do conhecimento sobre um dado objeto através de modelos e hipóteses que devem ser comprovadas. Desta forma, a busca por uma forma de conhecimento que vise assumir que o observador está inserido em uma trama formada por sua própria vivência, e que isso interfere em sua observação acerca de um dado fenômeno, é ao mesmo tempo inovador e desafiante.

Humberto Maturana (2001) sugere que a ciência deve ser entendida como um domínio cognitivo obtido através de uma atividade biológica humana vivenciada na prática cotidiana. Isso pressupõe que há uma interferência dos contextos histórico, social e cultural, bem como da emoção que impregna o observador. No entanto, o autor afirma também que esse conhecimento gerado deve ser validado através do que ele denomina “critérios de validação”. Desta forma, todo o conhecimento produzido pela observação passa a ser válida. É fundamental, contudo, que a própria experiência do observador possa ser explicada com base em sua própria vivência, validando-se assim, suas práticas cotidianas como incorporadas na formação do conhecimento.

Para Varela (2003), não encontramos um mundo pré-estabelecido, e sim, nos encontramos em um mundo que está sempre sendo por nós experienciado atualizando seus significados. Mundo e sujeito são um só. O autor como os anteriores reconhece na ciência moderna o paradigma representacional. Para ele, o fato de se questionar esse paradigma gera uma “ansiedade cartesiana”, tendo em vista que, de acordo com a nossa tradição imbuída nas ciências modernas, tentamos sempre buscar na representação uma fundação para basear nosso conhecimento. Ele sugere então, a Escola do “caminho do meio” que visa buscar a fundação, importante para o sistema representacional, nas práticas cotidianas. Ou seja, o conhecimento não precisa negar por completo o sistema representacional, mas sim, buscar fundamentos no contexto no qual se insere o observador.

Indo ao encontro dos estudos que os autores acima expostos desenvolvem, o grupo ProLUGAR vem se debruçando na questão da observação incorporada, a qual buscamos experimentar na realização desse exercício.

Desta forma, buscamos deixar o ambiente nos invadir com suas informações, sem negarmos nossa bagagem cultural. Em busca de uma objetividade entre parênteses (MATURANA, 2003)¹, experimentamos o SAARA, e o que está exposto a seguir é nossa verdade, naquele momento, validada por nossa vivência acumulada.

¹ Maturana (2003) difere duas formas de objetividade: a sem parênteses, na qual o sujeito aceita uma realidade sem questionar; e a objetividade entre parênteses, na qual o sujeito entende que sua experiência é limitada pois não distingue a percepção da ilusão, mas não nega sua importância. Na objetividade entre parênteses a experiência é uma importante forma de conhecer, mas não a única, e o conhecimento gerado é fato importante e deve ser validado pelos já mencionados critérios de validação.

3. A experiência do Saara

O trabalho foi realizado no dia 02 de setembro de 2007, na parte da manhã. Nos encontramos por volta das 9h da manhã, no Largo do São Francisco, em frente ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFSC) e nos dirigimos para o Gabinete Real de Leitura para a realização da primeira etapa do método, que consiste na preparação do observador.

A *Preparação*: antes de iniciar a observação incorporada, o observador deve procurar um ambiente onde possa fazer um breve relaxamento das tensões e ansiedades produzidas em seu deslocamento. O ideal é buscar um recanto tranquilo – um templo religioso, um banco de praça, uma mesa de um bar ou café – e por alguns instantes o observador deve se libertar de seus pensamentos e voltar sua mente para a sensação de bem-estar produzida por sua respiração, inicialmente lenta e profunda, movimentando toda sua capacidade torácica. Na medida em que a mente vai se libertando dos pensamentos e ansiedades e a respiração e os batimentos cardíacos vão se estabilizando, com suavidade e delicadeza, a intensidade da respiração vai diminuindo gradativamente até se tornar quase imperceptível.

“ Assim que entramos no Gabinete Real de Leitura, praticamente me abstrai do motivo o qual estávamos naquele lugar, tamanho impacto que aquele ambiente me proporcionou. Sua arquitetura, sua história, a relação com o exterior... tudo me inquietava! Após permanecer, necessariamente, de olhos fechados, fui retomando o objetivo de esvaziar minha mente...”
ESM



Foto 1: Real Gabinete Português de Leitura

“Não conhecia o Gabinete Real de Leitura, entrar naquele ambiente e experienciar toda sua magnitude me deu a sensação de volta ao passado. Comecei a imaginar como foi a vida naquele lugar, as pessoas que o freqüentavam... o Rio de Janeiro daquela época... Sentei em uma das cadeiras no centro do salão, pela imensa clarabóia central a luz natural invade todo a ambiente.... procurei relaxar... sentir minha respiração, a acomodação do meu corpo naquela cadeira... percebi que aos poucos o silêncio do lugar me tomava, que só ao longe era possível ouvir o burburinho da cidade lá fora (o som dos veículos, a buzina...), a temperatura agradável me tranqüilizava e pouco a pouco procurei esvaziar a mente.” JFF

“O que podemos observar ao entrarmos no Real Gabinete Português de Leitura é o esplendor de sua arquitetura. Da fachada muito ornamentada, com grandes janelas encimadas por arcos ogivais, diferentes dos presentes nos edifícios do entorno, partimos para seu interior, passando por uma ante-sala, fria com um pequeno balcão de informações. A porta de entrada para o salão parece tentar esconder, pelas suas reduzidas dimensões, a imensidão do ambiente formado por paredes altas e coloridas, iluminadas pela clarabóia central. Uma olhada para o piso e podemos notar o rico trabalho do desenho na madeira. Ao se levantar os olhos pode-se perceber o rendilhado da estrutura metálica formada por pilares, vigas e passarelas, emoldurando os vários conjuntos de livros que tomam vezes das paredes que escondem, trocando a possível palidez dessas, pelo colorido de suas lombadas. O cheiro característico de biblioteca já me invadia o nariz, o silêncio quase total me convencia de que eu não podia quebrá-lo”. Pude perceber o quão particular era aquele lugar. Sentei-me. Pensei um pouco. Ouvei Quando o Professor chamou a atenção para deixarmos livres nossas mentes. Tentei parar de pensar. Pensei mais um pouco. Me concentrei na minha respiração, fechei os olhos, deixei minha mente se esvaziar. Abri os olhos quando solicitado. Levantei-me e segui para fora do salão com o objetivo de viver aquela experiência.” HSS



Foto 2: Interior do Real Gabinete Português de Leitura



Figura 1: Localização da área estudada

A etapa de preparação durou cerca de meia hora. Ao sairmos do Gabinete Real de Leitura, os grupos e a seqüência das experiências do lugar foram definidos. Sob orientação do Professor Paulo Afonso Rheingantz a equipe formada por Ernani, Helga e Juliane registrou esta experiência por meio de gravações e fotografias, onde se relatou diferentes sensações obtidas ao percorrer as ruas do Saara.

A experiência se deu com cada observador participando em três situações, definindo-se em três etapas distintas:

1ª. Etapa	Ernani	Guia
	Helga	Olhos Vendados
	Juliane	Ouvidos obstruídos

2ª. Etapa	Ernani	Ouvidos obstruídos
	Helga	Guia
	Juliane	Olhos Vendados

3ª. Etapa	Ernani	Olhos Vendados
	Helga	Ouvidos obstruídos
	Juliane	Guia



Figura 2: Etapas

Cada uma das experiências de observação (olhos vendados, ouvidos obstruídos e participação como guia) durou aproximadamente de meia hora.

1ª. ETAPA:

RUA LUIZ DE CAMÕES, RUA DA CONCEIÇÃO, RUA DA ALFÂNDEGA E REGENTE FEIJÓ

Helga (Olhos Vendados): Iniciei o percurso com os olhos vendados. Meu guia, o Ernani, insistiu em me girar para que eu não soubesse para onde eu estava indo. Resisti: “você não vai ficar me girando não, né?”. Mal eu sabia que nem precisava, logo eu já estava confundindo calçada e via, granito e paralelepípedo, algo me dizia que não era pra eu continuar tentando adivinhar. Em compensação, o que eu deixava vir, sem pretender adivinhar eu acertava. Foi o que aconteceu com a percepção acerca da volumetria dos edifícios. A luz dançava marcando o sobe e desce dos volumes que compunham os quarteirões por onde passávamos. Fui experimentando as sensações, de repente um estrondo; passamos por um local que presumi ser de carga e descarga tamanho era o barulho. Logo depois foi a vez do olfato, senti o perfume de incenso. Ainda era a descoberta das sensações, era como se o ambiente me passasse uma sensação de cada vez, testando os meus sentidos: primeiro veio a variação de luz, que pude perceber mesmo de olhos fechados; depois o tato, para tentar descobrir de que pavimento era composto o local onde eu estava pisando; depois veio um som estrondoso e, logo em seguida, o cheiro de incenso.

Em seguida às experiências de cada sentido (exceto paladar), tentei exercitar minha percepção de localização, buscando articular sons, odores, tato e senso de direção para me orientar. Tentei adivinhar, estava certa de que estava chegando em um local que eu muito conhecia, próximo a Casa Cruz, no Largo de São Francisco. Sobe degrau, desce degrau e meu guia comenta que está me achando mais confiante. E eu, convicta o respondi que estava mesmo porque eu sabia exatamente onde estava: “A gente passou pela Casa & Vídeo e está próximo ao IFCS.” Meu guia responde: “Vou ser muito sincero! Eu não vi Casa & Vídeo.” Me assustei com um “ah não?!” e concluí “então estou perdida”. Algo me reforçava a idéia de que eu devia parar de tentar adivinhar e deixar as sensações virem.



Figura 3: Percurso imaginado x percurso realizado

Ernani (Guia): São detectados obstáculos como desníveis de calçadas, tampas de bueiros e poças d'água. Este tipo de observação tornou-se predominante pelo fato de ser responsável por guiar a pessoa com os olhos vendados.

A observadora com os olhos vendados procura identificar os locais por percepção por diferentes aromas, texturas e sons. De fato, ocorreram muitos acertos, mas também houve equívocos, como o da lanchonete registrada na foto 3, onde foi identificado pela observadora como um restaurante repleto de clientes.



Foto 3: Restaurante Vazio

Helga (Olhos Vendados): Ainda tentando descobrir onde eu estava, ouvi o professor me perguntar se eu estava sentindo alguma diferença. Nesse exato momento, senti a mudança no piso, passou a

ficar mais liso, e um som de rádio começou a se aproximar. Percebi que estávamos entrando no SAARA. O limite estava claro. Eu e o meu guia rimos lembrando de propagandas engraçadas da “Rádio SAARA”. E juntos constatamos que nunca havíamos percebido que o piso do SAARA era em concreto. Puxa, precisei perder a possibilidade de ver pra perceber o piso do SAARA.

De repente uma claridade rompe com a sombra do casario e eu percebo que se trata de uma esquina. Sinto que agora o conjunto de sentidos começa a funcionar mais harmoniosamente, e consigo perceber melhor o ambiente. Não contente em estar começando a perceber melhor o ambiente de olhos fechados, tentei novas adivinhações! Passamos em frente de um lugar que ressoava o tilintar de talheres. Disse, então: “Aqui é um restaurante, né?”. Após a confirmação de que eu quase acertara, pois era uma lanchonete, continuei: “Nossa, e como as pessoas falam no restaurante!” Ernani, meu guia diz então: “Eu tô tirando uma foto porque não tem absolutamente ninguém.” Me assustei – “Na rua!” Ele me respondeu: “no restaurante”. É, me enganei de novo. Era o eco das pessoas que passavam pela calçada em frente ao restaurante. E o Ernani brincou com o Paulo Afonso: “Vou tirar foto do restaurante lotado.”

Ainda me recuperando do meu mais novo engano escuto uma voz me chamando. Ah, não! Seria possível? Encontrei a Tia Lili, tia do meu namorado. Que situação! Gargalhadas. Tentei explicar o que estava acontecendo, ela riu, disse “que legal”, perguntou se estava tudo bem, eu disse que sim e ela se despediu: “vai lá, continue seu trabalho”. Para cumprimentá-la, tirei a venda e reconheci onde estava. Estávamos nos aproximando da Av. Presidente Vargas. Aí eu pedi para mudarmos o percurso. O Paulo Afonso perguntou se eu estava cansada aí eu respondi que não, que podíamos continuar.

Juliane (Ouvidos obstruídos): Parece-me que os sons agora, tomam uma outra dimensão, os sons mais fortes... uma caixa de som mais próxima, um automóvel passando, o barulho intermitente de uma obra... ficam ainda mais intensos.

A visão percorre todos lados... o corredor configurado pelo casario antigo tem ao alto as bandeirinhas coloridas de plásticos, elemento alegre e agitado.

Ernani (Guia): Continuam-se as percepções da observadora através do tato, olfato e audição. Em determinado momento, em virtude de uma pessoa conhecida da observadora interagir com a mesma, fez com que esta tirasse a venda dos olhos, inserindo-se também o senso de localização. Deste modo, ao chegarmos na Avenida Presidente Vargas a identificação ficou óbvia pelo ruído promovido pelos automóveis daquela avenida.

Helga (Olhos Vendados): Subo um degrau, uma rampa, chuto um banco, passo sob uma marquize – o som sob ela fica mais abafado - , e sons de veículos se intensificam. O Paulo Afonso pergunta se eu sei onde estou. Pela direção do som dos carros percebo que é a Avenida Passos. Bingo! Acertei dessa vez. Atravessamos a rua.

Um som metalizado se intensifica, cheiro de velas, percebo que se trata de uma igreja em plena missa. Entramos em uma loja e senti o jato de uma cortina de vento. Mas a temperatura do ambiente interno estava quase a mesma do externo. Percebo, quando estávamos saindo da loja para a rua, que a altura do meio-fio não é grande. Lembrava que em outros lugares eu fazia mais esforço para subir e descer do que lá.

Juliane (Ouvidos obstruídos): É um local extremamente conturbado, sem muitos marcos referenciais... na primeira visita ao local senti-me confusa, perdida... sinto que é necessário uma vivência maior para que ocorra uma apropriação e a formação dos meus marcos referenciais... nesta primeira visita a loja de decoração da esquina... não guardei o nome... foi a que mais me atraiu por eu adorar ver arranjos para casa.



Foto 4: Rua da Conceição.



Foto 5: A Rua da Conceição e suas bandeirinhas

Ernani (Guia): Após a identificação do local por tirar momentaneamente a venda dos olhos, estávamos, em poucos minutos, na Rua Regente Feijó caminhando em direção à Avenida Presidente Vargas. Deste modo, ao chegarmos próximos à avenida a identificação ficou óbvia, através do ruído promovido pelos automóveis naquele local.

Helga (Olhos Vendados): Meu guia comenta que as pessoas passam indiferentes por mim. O som da rádio fica mais intenso quando passamos sob as caixas de som. Um pouco mais a frente o som dos carros se intensifica. Posso perceber que estamos em frente a Av. Presidente Vargas, de novo devido à direção do som dos carros. Fim da Experiência às escuras no SAARA. Terminei bem disposta e satisfeita com o que havia experimentado.

Juliane (Ouvidos obstruídos): Não percebi uma influência muito grande do olfato... não lembro de algum lugar ter me chamado a atenção



Foto 7: Ruas Regente Feijó.



Foto 6: Rua da Alfândega

2ª. ETAPA:

RUA REGENTE FEIJÓ, RUA DA ALFÂNDEGA E CAMPO DE SANTANA (PRAÇA DA REPÚBLICA)

Ernani (Ouvidos obstruídos): A primeira impressão quando obstrui meus ouvidos no SAARA, e fui caminhando em direção à Rua da Alfândega foi a crescente redução dos ruídos oriundos dos veículos e a identificação clara da Rádio local. Neste momento, sem a interferência de outros ruídos, como o do trânsito das ruas próximas e o próprio ruído contínuo promovido pelas pessoas que estavam naquele local a identificação de de que “ a Radio SAARA não é mais tão incômoda...” Talvez pelo fato de ser neste momento, realmente o som predominante para este tipo de observador, onde sua inteligibilidade é satisfatória.

Helga (Guia): Como guia, busquei oferecer a quem eu guiava, uma série de sensações, através dos outros sentidos. A diversidade de produtos comercializada no SAARA permite essa experiência. Desta forma, através do tato, Juliane pode perceber o crespo das árvores de natal, e a macieis das plumas; o paladar de um queijo mineiro, o cheiro das lojas de calçados, a acústica dos sons abafados da loja de tapeçarias, dentre outros.

Juliane (Olhos Vendados): Inicialmente achei que meu espaço pessoal era invadido todo momento pelas pessoas que andavam nas ruas. A perda da noção para onde se esta indo é algo que gera uma certa insegurança, não sabemos o que esta ao nosso redor; há um buraco, um degrau?



Foto 8: Rua Regente Feijó.



Foto 9: A experiência do tato.

Ernani (Ouidos obstruídos): Aparentemente, a visão passa a ter uma evolução extrema. Mesmo já conhecendo aquele ambiente anteriormente, percebo melhor a arquitetura daquele local, seus emaranhados de fios e a relação das pessoas com aquele ambiente. Noto o caminhar rápido, ao mesmo tempo como todos (inclusive eu, anteriormente) caminham olhando sempre para os lados, para as bancas de produtos à venda.

Helga (Guia): A minha dificuldade ao guiar foi flagrante! A todo instante a Juliane esbarrava em pessoas e obstáculos e, ainda, tropeçava em degraus. Em alguns momentos os lojistas ajudavam nos. Para mim, a responsabilidade de conduzir uma pessoa estava pesando e eu fiquei meio temerosa de que algo acontecesse. Mas eu seguia fundo ao meu objetivo de conduzi-la à experiências através da percepção.



Foto 10: Auxílio do Lojista.

Juliane (Olhos Vendados): No entanto, percebi sons muito peculiares, como o das bandeirinhas de plásticos, num primeiro momento pareciam folhas sendo balançadas pelo vento, mas lembrei das bandeirinhas que enfeitavam as ruas e eram elas que no meio de toda aquela profusão de sons se destacavam para mim.”

“Percebi com muito mais clareza a sensibilidade da minha pele... a sensação agradável de sentir a brisa do vento, o calor do sol ao andar pelo meio da rua em uma área descoberta, o frescor da sombra das marquises ou das folhas de uma árvore.



Foto 11: Experiência do paladar em loja de alimentos.

Ernani (Ouvidos obstruídos): Ao entrar no Campo de Santana, percebo a ausência de qualquer tipo de som. Os ouvidos passam de parcialmente para totalmente obstruídos. É surpreendente a diferença da relação das pessoas com aquele “oásis” no centro urbano. As pessoas caminham em um ritmo menos acelerado, mesmo aquelas que utilizam aquele lugar como espaço de transição. Os olhares são mais distantes.

Pela primeira vez, o olfato é evidenciado pelo observador com ouvidos obstruídos. Não que os outros ambientes não emitissem nenhum odor, mas toda percepção aqui relatada se deu de forma natural, sem a busca forçada da identificação dos sentidos.

Helga (Guia): Com a finalidade de proporcionar à Juliane uma sensação contrastante entre ambientes urbanos diferenciados, sugeri que caminhássemos até o Campo de Santana. Eu mesma, que estava atenta a tudo que ocorria, por estar com os meus sentidos plenos e com atenção redobrada por estar conduzindo alguém, pude me surpreender com tal impacto. O silêncio, quebrado apenas por sons bem menos agressivos do que os encontrados no SAARA, invadiu meus ouvidos, e a cidade mudou de cor. O verde das árvores predominou!. Pudemos perceber o ruído dos pássaros e do piso, de conversas de pessoas sem pressa, sentadas em bancos à sombra das árvores. Conduzimos Juliane à beira do lago, onde ela, então, retirou a venda.

Juliane (Olhos Vendados): A transição do Saara para o Campo de Santana foi muito legal! Deixar para trás o barulho intenso das caixas de som, das pessoas falando, dos carros passando e começar a perceber o silêncio, e de repente o canto dos pássaros.

Caminhar pela grama, ouvir o som das folhas secas sendo pisadas... perceber a diferença na textura do piso, asfalto, grama, pedra portuguesa.

Tudo ao meu redor ficou mais amplo, eu poderia andar sozinha, era um lugar amplo, não sentia mais a proximidade das pessoas. A sensação térmica tornou-se mais agradável, era possível perceber a sombra das árvores.



Foto 12: Campo de Santana

3ª. ETAPA:

RUA BUENOS AIRES, RUA TOMÉ DE SOUZA E RUA SENHOR DOS PASSOS

Ernani (Olhos Vendados): No Campo de Santana, mesmo com o piso regular, a insegurança de caminhar com os olhos vendados foi fator marcante. Os desníveis existentes da calçada para a rua e vice-versa, causou grande desconforto. Ainda não me encontrava familiarizado com aquela situação. Não foi percebida a saída do Campo de Santana, mas a identificação de que estava no SAARA foi imediata através dos sons oriundos das caixas de som expostas na rua para a difusão da rádio comunitária SAARA.

Helga (Ouidos obstruídos): Começo percebendo que estou ouvindo bastante sons. A sensação é a mesma de quando fico com pressão baixa, com um leve tamponamento dos ouvidos. Eu ouvia as pessoas conversando, mas o som ambiente era mais agradável. O som dos veículos parecem mais distantes, embora estivéssemos a beira da via. A sensação não é muito boa, parecia que eu estava anestesiada. Percebo que não consigo escutar diferenças sutis entre os sons. Passei em frente a uma loja de roupas de cama, sei que com a audição total teria sentido o som abafado de se passar próximo aos rolos de tecidos. Não senti.

Não dá pra perceber a proximidade das pessoas. Confirmo a impressão que tive quando estava sem enxergar, relacionada à altura dos meio-fios. São mais altos em ruas destinadas aos carros.

Juliane (Guia): Neste percurso tive que conduzir o Ernani na sua experiência. Inicialmente ele sentiu-se bastante inseguro, passos lentos e curtos, não confiava em mim, quando dizia que podia ir adiante.



Foto 13: Rua Buenos Aires.

Ernani (Olhos Vendados): Percebo que estamos em uma rua mais larga. Tenho a impressão de haver lojas somente em um dos lados da rua. Os sons do SAARA me trazem maior segurança e senso de localização. As texturas dos pisos também são percebidas e identificadas.

Helga (Ouvidos obstruídos): Começo a notar que com o menor acesso ao som, o ambiente vai ficando mais bucólico, e a imagem predomina. Dá pra reparar no movimento das bandeirinhas, nas pessoas que ficam falando ao celular pelo meio da rua. Penso: “Ai! Meu pé já está doendo.” Já sinto o cansaço. Passo por uma mulher que distribui panfletos e ela não me oferece. Isso é engraçado. Passo por uma parte molhada e novamente agradeço por estar enxergando. “Fala Betão!” – o cara berrou do meu lado!

Juliane (Guia): Procurei conduzi-lo por percursos que o fizesse experimentar sensações diversas: andar por pisos com texturas diferentes, tocar em objetos diversos, entrar e sair de lojas/ percepção do espaço interno e externo, caminhar por áreas cobertas e descobertas.



Foto 14: Rua Tomé de Souza

Ernani (Olhos Vendados): Após identificação das texturas dos pisos e o senso de localização promovido pelos sons das lojas. A sensação de insegurança por estar com olhos vendados se extinguiu. Começo a caminhar sozinho e perceber como aqueles sons são importantes para a caracterização daquele ambiente. Em um certo momento entramos em uma igreja, onde estava ocorrendo um culto. “É inacreditável... como pode isto no SAARA? Parece que, subitamente, estou em outro local da cidade...”

Helga (Ouvidos obstruídos): Percebo que as pessoas estão me olhando curiosas. Sinto que o vento vem em minha direção, e o sol está a pino.

Juliane (Guia): Aos poucos ele tornou-se mais confiante, ao ponto de não ser mais necessário tocar em mim. Ele andava sozinho pelo meio da rua, eu apenas o orientava quanto aos obstáculos... mas ele conseguiu uma autonomia que eu na minha experiência, só obtive quando estava no Campo de Santanna, quando senti que estava em um local amplo, sem muitas pessoas próximas.



Foto 15: Rua Senhor dos Passos

4. O que nos disse o ambiente?

O ambiente foi por nós experimentado de diversas formas, não havendo coincidência entre a forma como estávamos experimentando (qual sentido estava debilitado) e o local que experimentávamos. Desta forma, a leitura do ambiente é única para cada participante. A este fato, somam-se também todo o repertório próprio de cada membro, o acúmulo de práticas e cultura, e a própria relação com o local. No entanto, pôde-se perceber que uma leitura global das experiências de cada pesquisador, acaba por se tornar um discurso unânime, embora pontuado por percepções individuais. Desta forma, o ambiente será descrito a seguir, a partir do que sentimos através dessa experiência.

Ambiente e sua diversidade:

O SAARA é repleto de marcas visuais. Seu aspecto de mercado a céu aberto, com as ruas tomadas de bancas que expõem seus produtos a quem por eles procura, ou até mesmo aos que por lá passam apressadamente, e se rendem à curiosidade. As mais variadas mercadorias expostas trazem a diversidade do comércio, que traz itens para a casa, roupas, artigos para festas e carnaval, além de produtos alimentícios. Desta forma, o local traz, além da diversidade de cores, a diversidade de odores.

Os sons também são diversos: vendedores anunciando seus produtos, o burburinho das pessoas conversando, barulho do maquinário de obras e serviços pesados como carga e descarga, da missa que transcende os limites da igreja, chegando à calçada à frente da igreja, do fluxo intenso dos carros, dentre outros inúmeros sons que compõem a atmosfera agitada do local. Todos esses sons são permeados pelo da rádio SAARA que predomina.

A diversidade pode ser sentida pelo tato. Os diversos produtos a venda podem oferecer diferentes texturas: macias, ásperas, lisas. O revestimento de piso que constitui o SAARA também traz texturas variadas, entre concreto, asfalto, pedra portuguesa e paralelepípedo.

O paladar pode ser experienciado através dos diversos itens alimentícios oferecidos, que vão desde a fatia de abacaxi a refeições completas nos restaurantes.



Foto 16: A diversidade evidenciada pelas mercadorias expostas.

O Ambiente e seus limites:

A delimitação do SAARA pode ser experimentada sobretudo pela experiência sonora: o som da rádio e o som do fluxo intenso de veículos nas vias que o delimitam, com excessão da Avenida Passos. Os limites também podem ser sentidos através do tato, pois a pavimentação das ruas Alfândega e Senhor dos Passos, as principais do SAARA, são em concreto, e as várias ruas circundantes são em paralelepípedo.

Mas o limite desse ambiente se faz, sobretudo, visual. As bandeirinhas que cortam os céus do SAARA chamam a atenção e são um convite à observação do alto do casario eclético muito bem preservado. As bancas de exposição de mercadorias são uma marca local.

O comportamento no ambiente:

Talvez pela diversidade de serviços (bancos, restaurantes, etc.) e estabelecimentos comerciais variados, percebeu-se a grande variedade de pessoas que “freqüentam” a região do SAARA. Pessoas que procuram por produtos de R\$ 1,99, materiais elétricos, jóias, artigos de cama, mesa e banho, ou mesmo que utilizam aquele ambiente como transição para outro local, enfim, todas se concentram nestas ruas estreitas onde os comerciantes, juntamente com a rádio SAARA, anunciam suas ofertas e mercadorias. Cabe ressaltar que a “propaganda verbal” dos produtos é caracterizada, em sua maioria por um grande senso de humor, seja diretamente pelos comerciantes ou pela rádio SAARA.

Outro fator claro nesta observação são os caminhantes das pessoas nestas ruas. Dentre os vários tipos de indivíduos observados (engravatados, estudantes, donas-de-casa, trabalhadores, etc.) a grande maioria se portou por caminhantes de passos rápidos, mas sempre com olhares voltados para as bancas de produtos. Poucos tinham o olhar voltado para os casarios ou para um ponto mais distante. Entretanto, as pessoas que caminhavam dentro do Campo de Santana tinham comportamento de caminhantes exatamente oposto que fora detectado no SAARA.

Uma vez dentro dos limites do SAARA, tem-se, em um primeiro momento, o sentimento de um excesso de informação através dos

variados tipos de estabelecimentos comerciais, os coloridos das casas, a “guerra” de anúncios por parte dos comerciantes, a Rádio SAARA e a aglomeração de pessoas. Entretanto, para a caracterização deste lugar, conclui-se que este “caos” é necessário, e muitas vezes agradável. Não dá para imaginar o SAARA de outra maneira... ele possui identidade marcante e sua caracterização se dá, inclusive, de olhos vendados!



Foto 17: O bom humor é marca do comerciante do SAARA

5. Considerações acerca da Experiência

A experiência de se perceber o ambiente urbano de forma diferenciada de nossa realidade cotidiana, através da privação de um dos sentidos, trouxe uma forma rica de compreensão do lugar. O repertório acumulado através da vivência local, acaba ficando para o segundo plano, e a percepção do local acaba se tornando uma nova experiência. É importante no entanto, ao participar dessa experiência, deixar a mente vagar, buscar deixar que o ambiente se mostre, pois a tentativa de antecipar essa percepção acaba atrapalhando.

A realização da Observação Incorporada como passo inicial para o reconhecimento da área foi de extrema relevância. Permitiu que nesse primeiro momento valorizássemos nossa experiência e percepção pessoal, nos deixando completamente livres e abertos às nossas sensações e emoções.

Num segundo momento, para um conhecimento mais aprofundado do lugar e da forma como as pessoas o vivenciam, considero que possam ser realizados por trechos determinados:

- observações sistemáticas;
- entrevistas livres e estruturadas;
- mapa mental;
- mapa comportamental.

No entanto, na aplicação de tais métodos o observador/pesquisador deve manter a postura incorporada, ou seja, sua atenção deve manter-se voltada para a descoberta das razões, nuances e significados da experiência cotidiana.

Bibliografia

ALCANTARA, D.; RHEINGANTZ, P.. *A Cognição Ambiental na Avaliação da Qualidade do Lugar - Conceitos e Métodos para o Aprimoramento do Desenho Urbano*. In: Anais do NUTAU'2004. São Paulo: NUTAU/USP, 2004. (CD-ROM)

_____. *Embodied Observation and Quality of Place*. In Architecture and Phenomenology Book of Abstracts. Haifa: Technion, 2007.

MATURANA, Humberto. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. *Cognição e Tecnologia: Híbridos Sob o Signo do Artíficio*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Escola de Comunicação. Rio de Janeiro: 1996.

RHEINGANTZ, Paulo A. *De Corpo Presente - Sobre o papel do observador e a circularidade de suas interações com o ambiente construído*. In: Anais do NUTAU'2004. São Paulo: NUTAU/USP, 2004. Disponível em < www.fau.ufrj.br/prolugar > consulta em 18fev2008.

RHEINGANTZ, Paulo A.; ALCANTARA, Denise de. *Cognição Experiencial, Observação Incorporada e Sustentabilidade na Avaliação Pós-Ocupação de Ambientes Urbanos*. In: Revista Ambiente Construído. Porto Alegre, 2007. v. 7. n. 1. p. 35-46.

VARELA, Francisco J.; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. *A Mente Incorporada Ciências Cognitivas e Experiência Humana*. Porto Alegre: Artmed, 2003.